

com
óculos

de
ver

**manual
para
trabalhar
a
igualdade
de
género**



ficha técnica

Com óculos de ver - Manual de Recursos para Trabalhar a Igualdade de Género

Esdime - Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste
Março de 2015

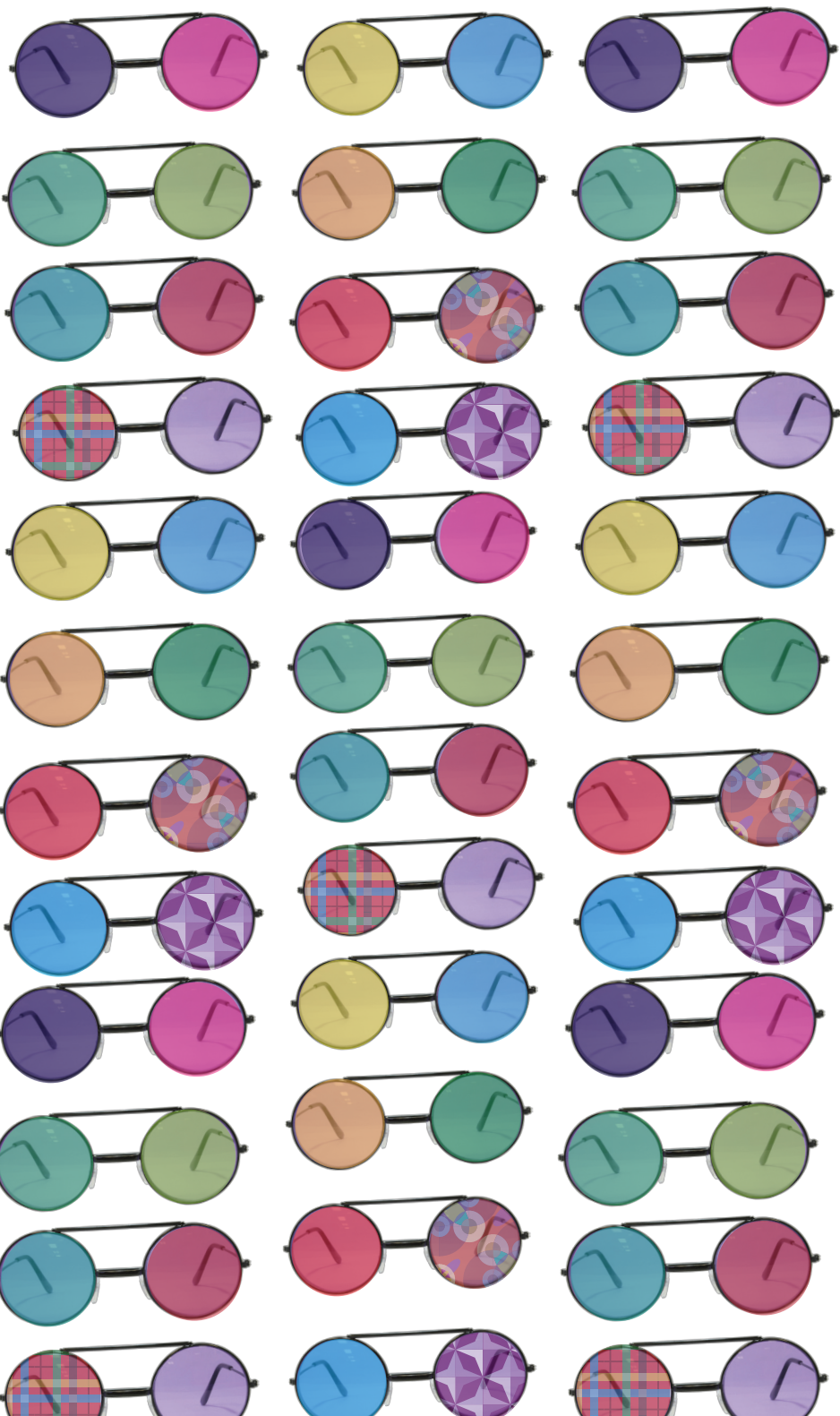
Coordenação - Paula Ortiz
Conceção gráfica e paginação - Carla Tavares

Este guia foi editado no âmbito do Programa Operacional Potencial Humano, eixo 7, medida 7.3 - Apoio Técnico e Financeiro às ONG's gerida pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género



índice

Para começar a ver (com os óculos da igualdade) - Natàlia Tost.....	4
Para trabalhar com o pré-escolar.....	6
Para trabalhar com o ensino básico.....	15
Para trabalhar com jovens.....	16
Para trabalhar com a comunidade.....	21
Para pensar no assunto. Bibliografia e webliografia.....	38



para começar a ver...

**com os óculos
da igualdade!**

Natàlia Tost

Olhamos à nossa volta, - sem óculos, com óculos de sol ou de vista -, e vemos quase tudo cor-de-rosa (e azul bebé). Cada um e cada uma de nós está no seu lugar, ocupa o seu espaço pessoal e profissional, um espaço que acreditamos foi possível ocupar porque houve outros tempos e outros espaços em que, nas questões da igualdade de género, homens e mulheres estávamos realmente em desigualdade. Somos pais e mães, arquitectos e arquitectas, engenheiros e engenheiras, motoristas e chefes de cozinha. E por isso nos permitimos descansar um pouco, a vista e a cabeça, há ainda pequenas arestas para limar, mas estamos tão bem.

Não estamos.

Olhamos à nossa volta, outra vez, agora com óculos de ver, e um tsunami silencioso cai em cima de nós. Estava escondido por trás de campanhas de sucesso e discursos institucionais que usam palavras caras para proteger políticas que têm duas versões, que se mantêm presas a dois relatos divergentes: a realidade e o marketing da igualdade de género.

Morrem tantas mulheres (uma era já demasiado) porque ninguém viu, ninguém percebeu, ninguém ajudou. Também porque quem ajuda para que elas possam não morrer ou não desistir de ser pessoas, permanecendo na espiral de violência dos seus lares, o faz com recursos fracos e intermitentes. Porque os assassinos são legitimados todos os dias pela sua natureza, a sua cultura e a sua educação. O que fazem e fizeram faz-nos sentido, é uma história escrita, mais uma.

Ouvimos discursos nos media, nos encontros, nos seminários - de homens e de mulheres - que falam dos técnicos, dos cidadãos e dos alunos. Sem pudor nenhum, sem dúvidas nem hesitações, declaram que as técnicas, as cidadãs e as alunas não existem.

O mercado de trabalho não contrata raparigas em idade fértil. Despede grávidas. Também perpetua a diferença salarial entre homens e mulheres, a encher a boca com a crise e as dificuldades financeiras e com discursos falaciosos sobre a disponibilidade profissional e a produtividade das mulheres.

Muitos e muitas jovens são maltratados e maltratadas por outros e outras jovens. Porque não encaixam, não se adequam, não respondem às expectativas que a sociedade definiu para eles e elas, não são suficientemente homens nem suficientemente mulheres, logo não fazem cá falta. Alguns e algumas acreditam mesmo nisto, e tiram a vida.

As mulheres têm duplos e triplos horários de trabalho: no trabalho, nas tarefas domésticas, na educação de filhos e filhas e nos cuidados à ascendentes. Mas era isto que elas queriam, não era?

Já conseguimos ver com os óculos de ver. Agora cabe-nos fazer, com consciência, com honestidade e com brio. Este manual pode ajudar, mas o que realmente pode ajudar é começar a ver o que é preciso mudar.





sou um menino, sou uma menina

Queremos...

Que as crianças reflectam sobre a representação de ambos os sexos, porque é uma forma de reflectir sobre os estereótipos ligados ao género de forma individual e também coletivamente em contexto de sala.

Então...

Todas as crianças irão realizar um desenho de uma menina e de um menino, sendo integrada por parte do/a educador/a uma perspectiva de género que questione os conceitos de sexo e género já assimilados pelas crianças.

A criança deve desenhar de forma livre um menino e uma menina. Numa metodologia activa e envolvendo todos os elementos do grupo, iremos usar a criatividade através do desenho geométrico e também abstracto, da utilização da cor, da coordenação cognitiva, do desenvolvimento das competências comunicacionais e, no fim, iremos mediar a exposição perante o grupo, de forma a deixar que cada criança faça a sua apresentação/explicação. Para concluir a actividade fazemos uma reflexão final com o grupo de crianças, introduzindo a perspectiva de género. Nesta perspectiva, entende-se que o educador ou educadora introduzirá questões para desconstruir os estereótipos, levando as crianças a reflectir sobre as razões que as fazem pensar, por exemplo, que as meninas são (necessariamente) ' vaidosas' e ' gostam de bebés' e os meninos são (necessariamente) fortes e/ou gostam de carrinhos.

Ainda...

Duração da actividade: de 01:00 a 01:30 horas

Materiais necessários:

Suporte para desenhar/pintar (papel, cartolinas, etc.) e lápis de cor, canetas de feltro, pintura, pincéis, etc.



cá em casa, onde ficam eles e elas?

Queremos...

Observar se existe alguma correlação entre as formas de representar este espaço doméstico pelas crianças e as tarefas tradicionalmente associadas ao género e caso esta exista fazer uma reflexão conjunta com as crianças sobre este fenómeno, tentando perceber se eles e elas acham que esta divisão é natural porque advém das capacidades de homens e mulheres ou é algo que fomos aprendendo.

Então...

A criança deve desenhar de forma livre a sua casa, com as várias divisões, indicando quem utiliza com mais frequência cada um dos espaços da casa e as tarefas que são retratadas. Numa metodologia activa e que envolva todos os elementos do grupo, iremos usar a criatividade através do desenho geométrico e abstracto, utilização da cor, da coordenação cognitiva, desenvolvimento das competências comunicacionais e, no fim, iremos mediar a exposição perante o grupo, de forma a deixar que cada criança faça a sua apresentação/explicação. Para concluir a actividade fazemos uma reflexão final com o grupo de crianças, introduzindo a perspectiva de género.

Ainda...

Duração da actividade: de 01:00 a 01:30 horas

Materiais necessários: suporte para desenhar/pintar (papel, cartolinas, etc.) e lápis de cor, canetas de feltro, pintura, pincéis, etc.





eu quero ser...

Queremos...

Trabalhar os estereótipos que possam surgir em relação às profissões integrando a perspectiva de género.

Então...

As crianças irão desenhar vários/as profissionais, sendo que deve existir a mesma profissão no masculino e no feminino. Numa metodologia activa que envolva todos os elementos do grupo, iremos usar a criatividade através do desenho geométrico e abstracto, da utilização da cor, da coordenação cognitiva, desenvolvimento das competências comunicacionais e, no fim, iremos mediar a exposição perante o grupo, de forma a permitir que cada criança faça a sua apresentação/explicação. Para concluir a actividade fazemos uma reflexão final com o grupo de crianças, introduzindo a perspectiva de género.

Ainda...

Duração da actividade: de 1 a 1.5 horas.

Materiais necessários: suporte para desenhar/pintar (papel, cartolinas, etc.) e lápis de cor, canetas de feltro, pintura, pincéis, etc.



escolher uma prenda para... toda a gente!

Queremos...

Trabalhar os estereótipos que possam surgir na eleição/representação de prendas para a mãe e para o pai. Integrando a perspectiva de género, iremos reflectir sobre esta questão e construir prendas não sexistas.

Então...

Identificamos que tipo de prendas as crianças criaram para os últimos «Dia da Mãe» e os últimos «Dia do Pai» tentando fazer uma reflexão sobre os últimos 5 anos. Devemos colocar a nós próprios/ as perguntas como: Essas prendas podem ser associadas ao universo doméstico ou ao universo de lazer? Existe alguma predominância?

A metodologia a utilizar é activa e deve envolver todos os elementos do grupo na construção de recordações para o dia da mãe e para o dia do pai sem terem conotações sexistas.

Ainda...

Duração: Abordagem, reflexão e chuva de ideias: 45 min./ Confecção de prendas (em função daquilo que a turma escolha fazer)

Os materiais necessários vão depender do tipo de prendas que serão construídas para dar às mães e aos pais.





lembram-se daquela história?

Queremos...

Integrar a perspectiva de género numa história tradicional ou numa história com a qual as crianças estejam familiarizadas.

Então...

No decorrer das rotinas diárias, o/a educador/a escolhe uma história da preferência do grupo que possa ser trabalhada, possibilitando ao grupo o experienciar uma história já conhecida, mas agora integrando a perspectiva de género.

Utilizando uma metodologia activa iremos facilitar e mediar a discussão no grupo, auxiliando-o com novas formas de pensar/sentir, envolvendo todos os elementos, podendo recriar, por exemplo, um pequeno teatro. Deveremos trabalhar o desenvolvimento das competências comunicacionais e a exposição perante o grupo.

Ainda...

Duração: de 30 minutos a 1 hora.



lembram-se daquela música?

Queremos...

Integrar a perspectiva de género numa música tradicional ou numa música com que as crianças estejam familiarizadas.

Então...

No decorrer das rotinas diárias, o/a educador/a escolhe uma música de preferência do grupo que possa ser trabalhada, possibilitando ao grupo o experienciar uma música já conhecida, mas agora integrando a perspectiva de género.

Utilizando uma metodologia activa iremos facilitar e mediar a discussão no grupo, auxiliando-o com novas formas de pensar/sentir, envolvendo todos os elementos do grupo, trabalhando o desenvolvimento das competências comunicacionais e a exposição perante o grupo.

Ainda...

Duração: de 30 minutos a 1 hora.





na casinha ou nas construcões?

Queremos...

Possibilitar ao/à educador/a fazer uma reflexão sobre as dinâmicas criadas nos espaços de jogo, tradicionalmente ligados ao género feminino e ao género masculino, e a forma como o género pode influenciar estas dinâmicas.

Então...

A metodologia utilizada é a da observação. Na sala, deveremos observar quem utiliza mais o espaço da casinha e observar quem utiliza mais o espaço de construção.

Deveremos responder e reflectir sobre as seguintes questões:

Que tipo de dinâmicas são estabelecidas entre os meninos? Que tipo de dinâmicas são estabelecidas entre as meninas? Quando um grupo de meninos e meninas está no espaço da casinha, que dinâmicas se podem observar? Quando um grupo de meninos e meninas está no espaço de construção, que dinâmicas se podem observar?

Ainda...

Recomenda-se que o resultado da observação possa ser reflectido em grupo.



no recreio

Queremos...

Possibilitar ao/à educador/a fazer uma reflexão sobre as dinâmicas criadas e a forma como o género pode influenciar estas dinâmicas.

Então...

Será realizada uma observação das dinâmicas das crianças durante o tempo do recreio/jogo livre.

A metodologia utilizada é a da observação. No recreio, deveremos observar as crianças e tentar responder e reflectir sobre estas questões:

Durante o tempo livre que actividades espontâneas são partilhadas pelas meninas? Que actividades espontâneas são partilhadas pelos meninos? Existe alguma clivagem de género? Quando desenvolvem actividades espontâneas mistas, que papel/função é atribuída às meninas e que papel/ função é atribuído aos meninos?

Ainda...

Se possível, recomenda-se que o resultado da observação possa ser reflectido em grupo.





As questões propostas nas actividades para o pré-escolar podem ser, todas elas, adaptadas para grupos etários de crianças mais velhas, sendo que as questões que foram formuladas nas actividades anteriores são transversais a todas as faixas etárias. O que deve mudar necessariamente é a forma como estas questões são colocadas. Qualquer reflexão sobre a igualdade de género proposta a crianças entre 6 e 12 anos tem de ter um nível de abstracção maior em relação aos conceitos apresentados e ter em linha de conta as experiências que as crianças já têm em relação à identidade, género e sexo. Por isso, qualquer actividade de representação que realize uma ligação entre as crianças e os modelos sociais que elas constroem (o que fazem os homens e as mulheres no nosso mundo) será um ponto de partida interessante para realizar uma reflexão em espaço de aula. Da mesma forma introduzir a reflexão a partir de uma campanha publicitaria ou de um filme ou peça de teatro pode também dar resultados muito interessantes.





e a igualdade, faz o teu género?

Queremos...

Estabelecer com clareza o conceito de Igualdade de Género e a necessidade de trabalhar na sua promoção ligando-a a questões que preocupam os e as jovens. Queremos ainda esclarecer que a igualdade de género é uma questão transversal à vida de todas as pessoas e que a sua promoção diz respeito aos direitos fundamentais de bem-estar e dignidade de todos e todas nós.

Então...

Iniciamos a sessão colocando uma questão à plateia/audiência: “Queremos saber o que vocês acham sobre a igualdade de género, isto é o quê? sabem?”

Escrevemos as respostas em post-it e colamo-las em cartolinas de forma a serem cartolinas para serem vistas por todas as pessoas. Aparecem palavras chave como: HOMEM, MULHER, PARTILHA, VIOLÊNCIA, etc.

Estabelece-se um debate com o público e tenta-se chegar a uma definição consensual e partilhada do que é a Igualdade de Género.

A seguir mostramos dois bonecos em cartolina, um azul e um cor-de-rosa, e pedimos ao público que identifique de quem se trata.

Depois de discutirmos porque disseram que o homem é azul e a mulher cor-de-rosa vamos atirando um bola para pessoas da audiência. Quando a pessoa tem a bola tem de finalizar uma frase que começa com ‘Os homens são’ ou ‘As mulheres são...’.

Colamos um post-it com cada uma das respostas no boneco correspondente e quando acabarmos discutimos se essas características que foram identificadas para cada um dos sexos são exclusivas desse sexo,





porque é que achamos que aquela característica pertence mais a um sexo do que a outro, etc.

Finalmente chegamos à conclusão que na generalidade a única característica que certamente diferencia homens e mulheres é o sexo biológico e que o resto é uma construção da sociedade, os papéis que denominamos género.

Discutimos com o público as implicações e consequências que tem a atribuição dos papéis de género para homens e mulheres e no que é que se traduz na sociedade a desigualdade entre homens e mulheres (partilha doméstica, diferenças salariais, violência no namoro e conjugal, discriminação profissional e social, etc.).

Ainda...

A duração da actividade deverá ser entre 1 e 1.5h.

O limite máximo de participantes deverá ser 50 sendo que o ideal serão 30.

Se se tratar de um grupo grande é interessante que haja duas pessoas a dinamizar a actividade.





violência, como assim?

Queremos...

Estabelecer com clareza o conceito e as características da violência de género e especificamente da violência no namoro, assim como perceber qual a origem deste tipo de violência e quais as formas de agir que nós -todos e todas- temos ao nosso alcance se nos depararmos com esta situação.

Então...

Apresentamos dois bonecos, um cor-de-rosa e outro azul e perguntamos se sabem quem são. Depois de discutirmos porque disseram que o homem é azul e a mulher cor-de-rosa, vamos atirando um bola para pessoas da audiência. Quando a pessoa tem a bola tem de referir uma palavra que tenha a ver com uma hipotética relação sentimental entre os dois bonecos. quando vão surgindo as palavras vamos classificando-as em duas colunas (escritas em papel de cenário ou num quadro): AMOR/NÃO AMOR.

Uma vez concluída a actividade anterior vamos debatendo com a audiência o que entende que é uma relação de amor e os elementos que esta deve conter.

Tentamos provocar reações em relação a palavras que para os e as jovens podem ser dúbias na classificação: Ciúmes, controlo, “quer estar sempre comigo”, etc.

O que fazer, quem é que pode fazer qualquer coisa...Podemos pedir a eles e elas, mais uma vez com a bola, se conseguem pensar no que pode ser feito em duas situações, quando estamos numa relação de violência nós próprios/as e quando estão outras pessoas nossas amigas. (falar com o agressor/a, pedir ajuda a um/a professor/a, ligar para as linhas de apoio, etc.)





Ainda...

A duração da actividade deverá ser entre 1 e 1.5h.

O limite máximo de pessoas a participarem será de 40, sendo que o ideal é que sejam umas 25.

Se se tratar de um grupo grande é interessante que haja duas pessoas a dinamizar a actividade.

Se se tratar de um grupo com dificuldades em falar é interessante puxar por experiências pessoais, tentar perceber se já viveram de perto alguma situação de violência no namoro de perto, etc.





teatro fórum (bullying homofóbico)

Queremos...

Estabelecer com clareza o conceito e as características do bullying homofóbico em particular e da violência de género em geral e do impacto que este tipo de violência tem no âmbito escolar e na vida dos e das jovens. Clarificar a origem deste tipo de violência -papéis de género. versus pessoas que 'não encaixam' nesses papéis estabelecidos e predeterminados -e clarificar formas de agir para contestar este tipo de violência. Clarificar o impacto do cyber-bullying enquanto forma de violência entre os e as jovens.

Então...

Participamos com os jovens e as jovens numa peça de teatro-fórum que debate estas questões e que coloca no público as decisões e as formas possíveis de agir para que a situação se torne mais favorável à pessoa vítima de violência.

Ainda...

A duração da actividade não deverá ultrapassar as 2 horas.
É interessante conhecer as características da peça em que vamos participar com antecedência.





teatro - e a igualdade? faz o nosso género?

Queremos...

Através de três momentos teatrais, estabelecer um diálogo sobre a ligação entre o dia-a-dia das pessoas e questões de igualdade de género, centrando este diálogo em três temas fundamentais: a partilha doméstica, a violência conjugal e a liderança masculina/feminina como ponto de partida para uma reflexão e um posicionamento em relação ao que vimos e ao que vemos todos os dias na nossa realidade.

Então...

Precisamos de uma preparação prévia importante, uma vez que nesta actividade tem de se definir quem irá apresentar as situações teatrais (profissionais do teatro, grupo amador, etc.) e quais serão estas situações (guião, tom, duração, personagens, etc.).

Definidas as situações e temas a abordar, deverá ser identificada terá de ser definida uma ou mais pessoas que irão dinamizar o debate após representação de cada um dos temas escolhidos

A/s pessoa/s que irão dinamizar o debate deverão elencar uma série de questões para provocar ou motivar o debate entre a audiência. Estas questões têm de girar à volta da ligação com a realidade das situações apresentadas, à volta do porquê das situações apresentadas (desiguais) serem assim, onde está a razão (histórica, atribuição de papéis ao sexo, etc.), se as situações apresentadas são justas ou injustas, se a lei portuguesa regula alguma destas situações e ainda se os cidadãos e cidadãs podem mudar alguma coisa com a sua ação particular.

Ainda...

Duração: entre 1 e 2 horas.

Espaço onde se possam dispôr cadeiras em forma de meia lua deixando um espaço de palco onde as cenas e a dinamização do debate possam decorrer.



contar a igualdade de género

Queremos...

Envolver escritores/as, ilustradores/as e artistas em geral nas questões da igualdade de género e fazê-las refletir sobre o seu trabalho criativo e o papel que a Igualdade de género tem nesse processo criativo. Queremos também que os e as artistas desenvolvam um trabalho que reflecta o olhar sobre as questões da igualdade de género.

Então...

Juntamos artistas que estejam disponíveis para realizar um pequeno workshop introdutório sobre igualdade de género.

Discutimos as características de homens e mulheres e a seguir fazemos uma pequena introdução sobre escrita e igualdade de género, colocando questões como: é possível fazer arte sem discriminar, sem promover desigualdades, sem promover preconceitos e perpetuar estereótipos?

Pedimos às pessoas que se dividam em grupos e oferecemos uma caixa cheia de objectos que nos desconcertam: perucas, máscaras de pirata, lenços, etc. e pedimos que os usem para contar uma história improvisada ao resto dos e das participantes.

Damos um tempo aos grupos para escreverem a sua história conjunta e depois as histórias são partilhadas em grande grupo.

No fim, lançamos a proposta de realização de uma publicação conjunta onde os escritores e escritoras escreverão um conto e os ilustradores e ilustradoras ilustrarão essas histórias.

Ainda...

Podemos desafiar os/as artistas a convidar outras pessoas a abraçar o desafio escrevendo ou ilustrando histórias.





contar com a igualdade de género

Queremos...

Reflectir sobre a relação da escrita e da ilustração com a igualdade de género junto de pessoas que gostem de escrita, pintura e ilustração.

Então...

Baseando-nos no livro publicado pela Esdime em 2014 (e disponível para download em www-esdime.pt) “27 acrobacias sobre (quase) a mesma coisa - Igualdade de genero contada e ilustrada” fazemos uma pequena sessão de leitura de contos do livro onde as ilustrações podem ser projectadas num ecrã e discutimos questões que nos preocupam e que as histórias vão desvendando: papéis de genero e projectos de vida, violência doméstica, educação e formação, orientação sexual e discriminação, etc.

Ainda...

Podemos ainda propor a um grupo de teatro a encenação de alguns dos contos do livro, criando assim uma actividade de teatro-debate.



brinquedos não sexistas, será possível?

Queremos...

Numa sessão de sensibilização que junte pais, mães e profissionais da educação promover a reflexão sobre os brinquedos que o mercado disponibiliza e a imposição sexista de jogos de faz de conta, cores e papéis que desde bem cedo determinam e constroem (também) quem são as crianças de hoje e quem serão os homens e as mulheres de amanhã. A partir desta observação da realidade, pretende-se uma reflexão conjunta que nos permita posteriormente agir numa perspectiva de igualdade de género quando compramos brinquedos ou brincamos com crianças.

Então...

Vamos fazer uma recolha de brinquedos dos mais usuais que encontramos nos dias de hoje e iremos marcar-los de forma a terem marcadores do sexo oposto. Por exemplo: pintar carrinhos de brincar de cores como cor-de-rosa, roxo, colar-lhes autocolantes de flores, etc... Num carrinho de bebé de brincar colaremos autocolantes do homem aranha e outros super-heróis.

Apresentaremos os novos brinquedos à nossa audiência tentando que cada uma das pessoas tenha pelo menos um brinquedo na mão e pediremos que os descreva e que nos diga se trata-se de um brinquedo de menina ou de menino.

A partir desta reflexão tentaremos levantar questões como: os modelos que os brinquedos passam a meninos e a meninas (se são realistas ou não, se se adaptam à sociedade que temos hoje em dia) e quais são as consequências desta atribuição de papéis a meninos e meninas.





Ainda...

A actividade tem uma duração recomendada de 1-1.5h.

É interessante finalizar a sessão apontando aquelas coisas que podemos fazer para agir na nossa realidade concreta em prol da igualdade de género.

Convém que o/a dinamizador/a faça um bom levantamento de materiais, notícias e um enquadramento histórico da evolução dos brinquedos no tempo.

É interessante dar às pessoas que participam algum material impresso com sugestões para comprar e oferecer brinquedos não sexistas. na webliografia deste manual consta um exemplo disso numa publicação da Junta de Andalucía (Espanha).



quando dizemos os homens e as mulheres linguagem inclusiva

Queremos...

Percepcionar, enquanto adultos/as, a forma como a linguagem está marcada pela história e hegemonia masculina e as suas consequências na construção de identidade de meninas e meninos, e a necessidade de intervir para a mudança no sentido de que homens e mulheres tenham a mesma visibilidade e simetria.

O objectivo é despertar uma atitude crítica, utilizando os recursos que temos ao dispor e com que lidamos nas nossas rotinas diárias, e sensibilizar para a importância que assume a utilização de linguagem inclusiva e não discriminatória na promoção do equilíbrio e visibilidade de homens e mulheres, na história, na vida e na sociedade que estamos permanentemente construindo.

Então...

Esta actividade centra-se no questionamento/reflexão conjunta, com pais, mães e educadores/as do pré-escolar sobre a neutralidade das nossas práticas, nomeadamente se usamos linguagem sexista, se lidamos diferentemente com interrupções ou intervenções de meninas e meninos; se temos percepções diferentes do insucesso escolar; sobre a forma como mulheres e homens, meninas e meninos, são tratadas/os e retratadas/os no espaço público, privado e social; sobre como estas questões se reflectem na utilização que fazemos da linguagem nos seus vários domínios – verbal, escrita, visual.

A actividade divide-se em quatro partes.

Para começar, um pequeno jogo que permita aos/às participantes conhecerem-se melhor, através da identificação das suas principais características. Assim recortam-se, em papel, laços e gravatas, que são distribuídos a cada um/uma dos/as participantes. Cada participante tem de escrever no seu laço ou gravata, duas verdades e uma mentira a seu respeito. O desafio é conseguir descobrir, a partir da observação de todos/as, a mentira de cada um/a. Para além de descontraír, este jogo facilita a introdução das questões da





igualdade. Naturalmente, a mentira que se escreve está relacionada com saberes e características que atribuímos ao sexo oposto.

Na segunda parte, com vista a fazer um breve diagnóstico de percepção e entendimento do significado e importância da utilização de uma linguagem inclusiva, organizam-se pequenos grupos de 3 a 4 pessoas que se vão debruçar sobre a questão: «Porque é que a prática de uma linguagem sexista (não inclusiva) pode prejudicar as crianças em termos de igualdade de oportunidades?» As conclusões são discutidas em conjunto e seguidas de uma apresentação/contextualização das questões da linguagem; da invisibilidade do feminino; da universalidade e generalização do masculino referindo alguns exemplos e casos práticos, recomendações do Conselho da Europa e dos Planos para a Igualdade.

Na terceira parte, podemos refazer os grupos, distribuir alguns exemplos de materiais sociais (cartas, informações, convocatórias) que fazem parte do nosso dia-a-dia, desafiando os/as intervenientes a rescreverem esses materiais sob uma perspectiva de linguagem inclusiva. A terminar esta actividade, cada grupo apresentará a sua versão da informação que trabalhou/rescreveu, debatendo em conjunto as alterações propostas e a sua importância.

Ainda...

Deixamos aqui um pequenos exemplo, de muitos, como base de trabalho.

Objectivos das aulas de inglês:

- › Promover o desejo nos alunos de aprender e brincar em inglês,
- › Contribuir para o desenvolvimento do aluno como um todo,
- › Motivar os alunos a comunicar em inglês através de exercícios e actividades reais e desafiantes,
- › Apresentar ao aluno a função e globalidade da língua inglesa no mundo contemporâneo.



comunidade

Para terminar, propõe-se uma partilha e discussão em grupo em torno de livros/ publicações, previamente seleccionados pelos/as participantes na biblioteca da escola, do município ou da sua própria casa, como modelos de comunicação que utilizam uma linguagem sexista e discriminatória, mesmo que por vezes essa linguagem apareça de uma forma quase subtil e aparentemente neutra.





histórias de (a)crescer em igualdade

Queremos...

Através do humor, fazer reflectir os/as participantes - pais, mães e educadores/as do pré-escolar ou outros elementos da comunidade - sobre a igualdade de género. Colocando as histórias no centro da actividade, cada um/a dos/as participantes não é apenas um/a espectador/a da sessão de contos mas sim um/a participante activo/a na construção das histórias que se assume como «construtor/a» de igualdade. Cada conto, cada história é uma reflexão caricata sobre a realidade e se a história é sobre o nosso dia-a-dia de homens e mulheres, obviamente que nos podemos rever - a nós e às/ aos vizinho/as - em múltiplas situações que nos fazem rir, mas que ao mesmo tempo nos obrigam a pensar e a fazer algumas mudanças na nossa maneira de agir enquanto homens e mulheres que constroem uma sociedade.

Então...

A sessão decorre como uma sessão de contos para adultos onde há um/a contador/a que vai narrando diferentes histórias e convida o público a interagir e a participar nelas.

Ainda...

A actividade tem uma duração de 2 horas aproximadamente e o número ideal de participantes (adultos) oscila entre 10 e 20.

O espaço de realização pode ser uma sala ou, se estiver bom tempo, pode ser realizada ao ar livre.

Convidar um/a contador/a profissional de histórias é quase um imperativo na realização desta actividade. Alguém que saiba, desde o primeiro minuto, como cativar o público para ouvir, deixará marcas muito mais profundas na mensagem que se pretende passar ao auditório; por isso é também muito importante que a





comunidade

sessão seja minuciosamente preparada entre o/a técnico/a responsável pelo projecto e o/a contador/a de histórias, para ambos trabalharem na consecução dos mesmos objectivos.

Duração: 2 horas.





comunidade

contar contos e acrescentar pontos

Queremos...

Analisar conjuntamente, com pais, mães e educadores/as do pré-escolar, livros de contos tradicionais ou outros mais modernos que estejam disponíveis na biblioteca local ou na biblioteca escolar, para que os possamos olhar a partir de uma perspectiva de igualdade de género. Ao colocarmos os «óculos da igualdade» iremos verificar que muitas das histórias - assim como as ilustrações que as acompanham - que contamos às nossas crianças reproduzem estereótipos de género tais como: a passividade e a fragilidade da mulher versus a pro-actividade do homem, a valorização de qualidades como a força ou a inteligência apenas nas personagens masculinas assim como a valorização da beleza e da prudência nas personagens femininas. O objectivo da actividade é perceber, enquanto adultos, os estereótipos de género nas histórias infantis, para depois as podermos trabalhar, de forma consciente, junto das crianças.

Então...

A actividade divide-se em quatro partes.

Na primeira parte, dinamizamos o jogo das personagens com personagens dos contos: estamos em círculo e a todas as pessoas é colocado um «post-it» na testa com o nome de uma personagem, que não sabem qual é. O exercício é tentar adivinhar de quem se trata, colocando perguntas, às e aos demais participantes, sobre as possíveis qualidades e atributos das personagens que estão a simbolizar. No final desta dinâmica, a reflexão deverá centrar-se nos adjectivos que usamos para identificar as personagens: É homem/mulher? É bonito/a?, É corajoso/a? É inteligente?, e a quem são atribuídos, se a personagens femininas ou masculinas. As personagens a usar podem ser o lobo mau, o capuchinho vermelho, a Cinderela, o gato das botas, o príncipe encantado, etc.

Na segunda parte, lemos um conto não-sexista: a sugestão vai para o livro «La Cenicienta que no quería comer perdices», está em castelhano e pode ser consultado em <http://www.mujiresenred.net/IMG/pdf/la->



comunidade

cenicientaqueriacomerperdices.pdf, há mais informação sobre ele em [http:// nunila-myriam.blogspot.com](http://nunila-myriam.blogspot.com), e também foi publicado no Brasil pela editora Planeta com o título «A Cinderela mudou de ideia». A seguir, podemos propor aos/às participantes que escrevam uma nova versão de um conto infantil tradicional, que seja um nadinha sexista, como por exemplo «A princesa e a ervilha» ou a «Branca de Neve». Propomos a divisão em pequenos grupos, que irão reescrever a história, alterando o que acharem necessário para que o conto se adapte a uma realidade de igualdade. As propostas podem girar em torno da mudança do ou da protagonista e dos acontecimentos ou da própria mudança de atitudes das/os personagens sendo estas mais igualitárias do ponto de vista de género.

Para terminar - e tendo sido previamente realizado um trabalho de pesquisa na biblioteca onde a actividade decorre - podemos mostrar aos/as participantes na actividade uma série de livros como exemplo do bom e do mau, no que respeita à igualdade de género, que temos ao nosso alcance. Podemos escolher algumas publicações muito, mas mesmo muito sexistas, como é o caso dos desenhos e das histórias da Disney, cheias de princesas indefesas e de machos salvadores e também de outras publicações aparentemente inócuas mas que revelam - ou nas histórias ou nas ilustrações - uma série de atitudes muito desiguais no que diz respeito ao género, como por exemplo a passividade das personagens femininas versus a pro-actividade das personagens masculinas. Um livro que serve para reflectir sobre a partilha (ou neste caso a não partilha) doméstica é «O livro dos porquinhos» de Anthony Browne da editora Kalandraka e que pode ser trabalhado na sessão pela sua simplicidade e forma directa de ilustrar a realidade de muitos lares. É de salientar que não é necessário considerar estes exemplos de livros e histórias como bons ou maus, e por isso estigmatiza-los. Precisamos sim, de ter em conta a mensagem de género que passam, para podermos reflectir sobre ela com as nossas crianças, os nossos/as filhos/as e alunos/as.





Ainda...

Duração: 2 horas, aproximadamente.

Número de participantes: o ideal é entre 8 e 20 pessoas.

Lista de material necessário/detalhes técnicos:

- › canetas
- › papel
- › «post-it»
- › livros e publicações com contos infantis, tradicionais e modernos. › sala com cadeiras para pôr em roda



heroínas e heróis do lar

Queremos...

Atribuir ao trabalho doméstico a importância que merece, tendo a noção exacta do tempo e do esforço necessário para conseguir coisas - que parecem tão simples - como ter o jantar na mesa a tempo e horas, roupa lavada e passada nos armários, os pratos limpos e a casa arrumada.

Então...

Propõe-se aos/às participantes que façam deste workshop a sua casa, tudo o que é preciso fazer - antes e depois - para desfrutar de uma bela refeição em família, devendo fazê-lo sem preconceitos de género, por isso todos e todas vão estacionar o carro na garagem, coser um botão, arrumar a casa, cozinhar ou pregar um prego.

A actividade está sub-dividida em oito desafios e cada um/a dos/as participantes deve realiza-los todos.

As actividades propostas são:

Pregar um prego, coser um botão, passar uma peça de roupa a ferro, estacionar um carro de brinquedo numa garagem feita com Lego, cozinhar, pôr a mesa, arrumar os brinquedos das crianças e lavar a loiça. Cada vez que um/a participante consegue concretizar uma tarefa, ganha um autocolante de uma cor que determina que já cumpriu aquela tarefa. Apenas quando todos/as os/as participantes têm os oito autocolantes de cores diferentes no seu avental - que receberam no início da actividade e que devem usar ao longo do workshop - poderemos considera-las/los heroínas e heróis do lar.





Ainda...

O número ideal de participantes é de 6 a 10 famílias. Se houver mais participantes será interessante ter mais um/a animador/a para dinamizar o workshop.

A actividade tem uma duração (com o período de almoço ou jantar incluído) de 5 horas. O/as animadores/as técnicos/as necessários/as para a realização do workshop são quatro: 1 técnico/a para apresentar a actividade e dar apoio logístico, um/a animador/a para dinamizar as tarefas domésticas, 2 cozinheiros/as para ajudar na elaboração da ementa.

Se houver possibilidade de oferecer um avental aos/às participantes (por exemplo com uma alusão à igualdade de género ou com o nome do workshop) é um objecto que assume uma dimensão interessante porque identifica as pessoas que participam e as torna «iguais». Por outro lado, o avental é uma forma engraçada de ir marcando os desafios cumpridos por cada uma das pessoas, colando neles os autocolantes às cores.

O espaço para realizar a actividade será, de preferência, uma cozinha com refeitório, onde a refeição pode ser elaborada na cozinha e o resto do workshop doméstico no espaço do refeitório, lugar onde os/as participantes também poderão desfrutar do almoço/jantar convívio que eles e elas prepararam.

A lista de materiais necessários para a realização da actividade é a seguinte:

- › Cartazes para assinalar cada uma das provas.
- › Aventais, um para cada uma das pessoas que irão participar.
- › Autocolantes de oito cores diferentes de forma a que todas as pessoas possam ter oito autocolantes no avental, um de cada cor.
- › Um saco de Lego ou peças de construção.



comunidade

- › Um ferro de engomar, uma tábua de engomar e várias peças de roupa.
- › Um pedaço de madeira, um prego e um martelo.
- › Um carrinho telecomandado e pilhas.
- › 10 brinquedos infantis para espalhar pela sala.
- › Tecidos, botões, agulhas e linha de coser.
- › Géneros alimentares necessários para realizar a ementa escolhida pela organização.
- › Mesas, cadeiras, copos, talheres e guardanapos para todos/as os/as participantes.

As actividades especificadas são exclusivamente dirigidas aos/às adultos/as, por isso, se se prevê uma grande afluência de crianças, em especial das mais novas, é interessante assegurar uma pessoa que dinamize algumas actividades infantis paralelamente ao workshop dos adultos.



o meu ser, o meu estar - reflexão

Queremos...

Encontrar um ponto de partida para o trabalho da igualdade de género no contexto de sala, os educadores e educadoras poderão reflectir sobre quais as atitudes, conscientes ou inconscientes, que têm em relação a esta questão no desempenho do seu dia-a-dia profissional.

Então...

Respondemos às seguintes questões de forma individual e pensando bem em cada uma delas. As respostas que obtivermos proporcionarão uma noção da forma como introduzimos e trabalhamos o género em contexto de sala e podem ser um ponto de partida para iniciar algumas mudanças em direcção a uma interacção mais igualitária com as nossas crianças.

- 1 - Como e quando surge o feminino dentro da sala? E o masculino?
- 2 - Quando se realizam interacções, de que forma as fazemos?
- 3 - Como falamos com meninos? e com meninas?
- 4 - Quando utilizamos a critica negativa, como é que fazemos relativamente aos meninos e às meninas?
- 5 - Quando utilizamos o elogio como é que o fazemos relativamente ao menino? e à menina?
- 6 - A quem é que fazemos mais perguntas de forma directa?
- 7 - Quando apresentamos os conteúdos de que modo o fazemos?
- 8 - Que tipo de linguagem utilizamos para explorar os conteúdos?
- 9 - Nos exemplos que damos ou nas analogias que fazemos, como aparece o feminino?
- 10 - Ao longo deste ano lectivo, de quantas mulheres de referência falámos às crianças? E de quantos homens?
- 11 - Que expectativa temos dos meninos e das meninas?
- 12 - O que é para cada um/a de nós um «bom aluno» ou uma «boa aluna»?
- 13 - Definir um comportamento correcto num menino ou numa menina.



14 – Que profissões associamos à mulher que eventualmente não possam ser desempenhadas por homens e vice-versa?

Ainda...

Pode ser interessante partilharmos as nossas respostas com outros/as colegas de profissão e até organizarmos uma pequena sessão de reflexão conjunta a partir do trabalho individual feito com o questionário.





AAW, **Coeducar para uma sociedade inclusiva**. Actas do Seminário Internacional, Lisboa, CIDM, 2000.

AAW, **Em Busca de uma Pedagogia da Igualdade**, Lisboa, CIDM, 1995.

ABRANCHES, Graça, CARVALHO, Eduarda. **Linguagem, poder e educação: o sexo dos b,a,bas**, Lisboa, CIDM, 1999.

ACIOLY-REGNIER, «**As matemáticas e o género: a propósito dos efeitos de variáveis socioculturais das práticas de ensino-aprendizagem no sucesso escolar e nos projectos profissionais dos alunos**» in Meios escolares e questões de género: elementos de reflexão para a prática do ensino, Lisboa, CIDM, 1999, 13-19.

ACIOLY-REGNIER, Nadja, FILIOD, Jean-Paul, MORIN, Christine, **Meios escolares e questões de género: elementos de reflexão para a prática do ensino**, Lisboa, CIDM, 1999.

ALARIO TRIGUEROS, Teresa et al., **Identidade e Género na prática educativa**, Lisboa, CIDM, 1999.

AMÂNCIO, Lúcia, **Masculino e Feminino. A construção Social da Diferença**, Porto, Afrontamento, 1994.

ARAÚJO, Helena Costa, HENRIQUES, Fernanda, **Política para a Igualdade entre os sexos em Educação em Portugal. Uma aparência de realidade**, ex aequo, no 2/3, 2000, 141-151.

ARNESSEN, Anne-Lise, **Relações sociais de sexo, igualdade e pedagogia na educação no contexto europeu**, ex aequo, no 2/3, 2000, 125-140.

BARRENO, Ma Isabel, **O Falso Neutro**, Lisboa, I.E.D., 1985.

BETTENCOURT, Ana, CAMPOS, Joana, FRAGATEIRO, Lourdes, **Educação para a Cidadania**, Lisboa, CIDM, 1999.

BLOCKEEL, Francesca, «**Mulheres no Romance Histórico Infante-Juvenil Português dos anos 80**», in AAW, **O Rosto Feminino da Expansão Portuguesa II**, Lisboa, CIDM, 1995, 667-682.

BOZZI TARIZZO, Gisela, De MARCHI, Diana, **Orientação e identidade de género: a relação pedagógica**, Lisboa, CIDM, 1999.

CATANI, Denice, et al., «**Os Homens e o Magistério: as vozes masculinas nas narrativas de formação**», Revista Portuguesa de Educação, 11 (1), 1998, 5-22.

CoolLabora, CRL, **Coolkit - Jogos para a Não-Violência e Igualdade de Género**. 2011.

COSTA, Adélia, **Representações sociais de homens e de mulheres**, Portugal 1991, Lisboa, CIDM, 1992.

FERNANDES, Rogério, «**Génese e consolidação do sistema educativo nacional (1820-1910)**», Revista de educação, vol. 7, no 1, 1998, 35-47.

ESDIME. Paula Ortiz. **Palmo e meio de igualdade**. 2010.

ESDIME. Diversos/as autores/as. **27 acrobacias sobre (quase) a mesma coisa - igualdade de género contada e ilustrada**. 2014.

FILIOD, Jean Paul, «**Observações sociológicas sobre a feminização da profissão docente**», in Meios escolares e questões de



género: elementos de reflexão para a prática do ensino, Lisboa, CIDM, 1999, 21-30.

FONSECA, José Paulo, **Representações femininas nos manuais escolares de aprendizagem da leitura do 1o ciclo do ensino básico**, Lisboa, CIDM, 1994.

HENRIQUES, Fernanda, **Em Busca de Uma Pedagogia da Igualdade**, Inovação, no 9, 1996, 127-137;

HENRIQUES, Fernanda, JOAQUIM, Teresa, **Os Materiais Pedagógicos e o Desenvolvimento de uma Educação para a Igualdade entre Sexos**, Lisboa, CIDM, 1995.

HENRIQUES, Fernanda, PINTO, Teresa, «**Em Busca de uma Pedagogia da Igualdade: o peso da variável sexo na representação de Bom Aluno**», in Albano Estrela et al. (eds), **Formação, Saberes Profissionais e Situações de Trabalho**, Lisboa, AFIRSE Portuguesa/FPCEUL, vol. 2, 1996, 295-308.

INSTITUTO DE LA MUJER, **Elige bien: un libro sexista no tiene calidad**, Madrid, Instituto de la Mujer, 1996.

LEAL, Ivone, **A imagem feminina nos manuais escolares**, Lisboa, CCF, 1979.

MARTELO, Maria de Jesus, **A Escola e a Construção da Identidade das Raparigas. O exemplo dos manuais escolares**, Lisboa, CIDM, 1999.

MICHEL, Andrée, **Não aos estereótipos – vencer o sexismo nos livros para crianças e nos manuais escolares**, S. Paulo, UNESCO, 1989.

MONGE, Maria Graciete, ROSÁRIO, Maria José do, CAÑAMERO, Gisela, **A criatividade na coeducação: uma estratégia para a mudança**, Lisboa, CIDM, 1999.

MORIN, Christine, «**Apresentação de alguns factores de variação do desempenho das raparigas e dos rapazes no contexto escolar**», in **Meios escolares e questões de género: elementos de reflexão para a prática do ensino**, Lisboa, CIDM, 1999, 31-37.

MOSCONI, Nicole, «**La mixité scolaire: socialisation différentielle ou éducation à l'égalité?**», in AAW, **Coedu- car para uma sociedade inclusiva. Actas do Seminário Internacional**, Lisboa, CIDM, 2000.

NETO, Félix, et al. (org.), **Igualdade de Oportunidades e Educação Formação de Docentes**, Lisboa, Universidade Aberta, 1997.

NETO, Félix, et al. (org.), **Igualdade de Oportunidades, Género e Educação**, Lisboa, Universidade Aberta, 1999.

NETO, António et al., **Estereótipos de género**, Lisboa, CIDM, 1999.

NUNES, Luísa A., «**As Mulheres e a Tomada de Decisões no âmbito da Educação**», in Félix Neto et. al. (org.), **Igualdade de Oportunidades e Educação. Formação de Docentes**, Lisboa, Universidade Aberta, 1997, 185- 196.

PINTO, Teresa, **Igualdade de Oportunidades e Formação de Docentes**, **Psicopedagogia, Educação e Cultura**, I, 1, 1997, 131-138.

PINTO, Teresa, **Caminhos e encruzilhadas da Coeducação**, *ex aequo*, no 1, 1999a, 123-135.



PINTO, Teresa, «**A Avaliação dos Manuais Escolares numa perspectiva de Género**», in R.V. Castro et al. (org.), *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História*, Braga, Universidade do Minho, 1999, 387-395.

ROMÃO, Isabel, **Distorções sexistas nos materiais pedagógicos. Como identificá-los e como evitá-los**, Lisboa, CCF, 1989.

SILVA, Ana da, et al., **A Narrativa na promoção da igualdade de género. Contributos para a educação pré-escolar**, Lisboa, CIDM, 1999.

TORRES, Julio, **El curriculum oculto**, Madrid, Morata, 1992.

LINGUAGEM

ABRANCHES, Graça, **Guia para uma Linguagem Inclusiva promotora da Igualdade entre Mulheres e Homens na Administração Pública**.

Council of Europe, Recommendation no 5 (90) 4 of the Committee of Ministers to Member States on the Elimination of Sexism from Language (**Recomendação sobre a Eliminação do Sexismo na Linguagem (1990), Conselho da Europa**)

DOYLE, Margaret, **The A-Z of Non-Sexist Language**, London, The Women's Press, 1997.

DUMAIS, Hélène, **Aide-mémoire en vue d'une redaction non-sexiste**, Québec, Ministère des approvisionnement et services, 1993 .

GÜETO, Inmaculada Almahano, «**El lenguaje jurídico administrativo alemán. Propuestas para una mayor igualdad lingüística**», in MADUEÑO, María Dolores Fernández de la Torre et al. (eds), **El Sexismo en el lenguaje**, Málaga, Servicio de Publicaciones CEDMA, vol. 2, 329-340, 1999.

MILLER, Casey/Kate Swift, **A Handbook of Nonsexist Language**, London, The Woman's Press (3rd edition, ed. Kate Mosse), 1995.

NIEDZWIECKI, Patricia, **Mulheres e Linguagem**, Comissão Europeia, Caderno de Mulheres na Europa no 40, 1999.



weblí grafia

Esdime <http://www.esdime.pt/>

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género <http://www.cig.gov.pt/>; <http://www.cig.gov.pt/guiaeducacao/>

Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego <http://www.cite.gov.pt/>

Observatório das Desigualdades <http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/>

Portal para a Igualdade <http://www.igualdade.gov.pt/>

